



# A rede totalitária – ou uma gota de paranoia

E se a tecnologia festejada como libertadora for um cavalo de troia, um vírus para nos vigiar?

EUGÊNIO BUCCI

08/08/2013 07h30

Tempos atrás, quando isso não seria visto como um crime ecológico (ou como uma ofensa aos “direitos” dos insetos), anunciavam sem a menor cerimônia um veneno contra formigas que dizimava todo o formigueiro por meio de uma estratégia diabólica: umas bolinhas pequenas, espalhadas pelo território a dedetizar, tapeavam brilhantemente suas vítimas. Inocentes como crianças, as formigas identificavam aquela substância assassina como se fosse comida e, prestativas, carregavam o mal granulado para dentro das galerias subterrâneas de suas residências. A poção maligna funcionava – ou funciona, já que o veneno ainda existe – como uma espécie de bomba-relógio química. Só mais tarde começava a produzir seus efeitos. Aí, matava a população inteira.

Todo vírus de computador adota um truque semelhante. Consegue que a própria vítima o instale dentro de seu computador pessoal. Ao usarmos nossos computadores, nós mesmos, sem saber, colocamos dentro deles os vírus que surrupiarão nossas senhas, pulverizarão nossos arquivos, infernizarão nossa existência. Não por acaso, há um tipo de vírus chamado Cavalo de Troia. Na Antiguidade, os gregos conseguiram destruir a cidade de Troia colocando seus soldados dentro de um cavalo de madeira, que fizeram passar por um presente aos inimigos. Hoje, os criminosos da internet instalam seus programas nos computadores alheios sob o disfarce de brindes dadivosos, notícias fantásticas ou brinquedinhos divertidos. Os usuários da internet fazem o papel de troianos, ou de formiguinhas alegres: morrerão e não sabem.

Pois o quadro pode ser ainda pior. E se essas tecnologias que nos seduzem e costumamos festejar como invenções libertadoras e revolucionárias forem na verdade um grande vírus, com o objetivo de nos atrair, para então nos vigiar? Você acha paranoia? Que seja. Um pouquinho só. Mesmo assim, cara formiga, é melhor você pensar um pouco sobre essa paranoia.

A denúncia terrível de que os serviços de inteligência do governo americano espionam as comunicações eletrônicas de cidadãos do mundo todo, inclusive do Brasil, com a colaboração de conglomerados privados da internet, nos leva a pensar num Cavalo de Troia planetário. Até que ponto as acusações são verdadeiras, ainda não se sabe. Mas que o casamento entre o poder político e o controle tecnológico das redes sociais é factível. Disso não há mais dúvida. Em algum lugar, em algum banco de dados, alguém é capaz de levantar tudo sobre você: dos exames médicos que você realizou no laboratório da esquina aos gastos que você fez com seu cartão de crédito, passando pelas ligações de seu celular, pelas mensagens que você publicou, pelas fotos que você enviou e pelos sites que você visitou. Atenção: tudo o que você disse e, mais que isso, toda a tecnologia que você usou poderá ser usada contra você. Você aceitará isso?

A tecnologia disponível permite até mesmo monitorar as intenções das pessoas. Agora, os agentes não são apenas os arapongas e os policiais contratados pelos governos espíões – na rede que vasculha a privacidade de cada um, os principais operadores são os próprios usuários.

Já sabíamos que o Google e o Facebook são abastecidos por seus usuários e por mais ninguém. Quer dizer: os usuários são os operários, assim como são também a mercadoria – o que essas empresas vendem aos anunciantes são seus próprios usuários. Portanto, Google, Facebook e congêneres ganham dinheiro com o trabalho de seus usuários e com as informações publicadas por seus usuários sobre eles mesmos e sobre seus amigos. O genial dessa invenção é que, nela, quem trabalha é a mercadoria.

Não sabíamos é que o quadro poderia realmente ser pior. Se essas redes estiverem a serviço da espionagem ilegal, temos então um tipo de arapongagem operada pela própria vítima. Ora, se a espionagem for abastecida não apenas por funcionários secretos, mas por toda a comunidade envolvida, temos de pensar nela como uma máquina totalitária (e inconsciente), pois não haveria para onde fugir. Todos os que se conectam a essa máquina contribuem para reforçá-la. Isso seria o fim de toda privacidade.

O que fazer, então? A saída seria desligar os computadores e os celulares? Claro que não. A solução é vigiar quem nos vigia e combater a bisbilhotice ilegal. Se não lutarmos agora pela proteção da intimidade e pelo direito à privacidade, nos termos da lei, veremos a democracia se esboroar como um formigueiro envenenado. Acredite: uma gota de paranoia não nos fará mal.